

CONSCIÊNCIA - INCONSCIÊNCIA EM FERNANDO PESSOA

*“Ser um é cadeia,
Ser eu é não ser.
Viverei fugindo
Mas vivo a valer.”*

(Poesias Inéditas)

CARLOS D'ALGE

Na tábua bibliográfica publicada na revista *Presença* n. 17, dezembro de 1928, Fernando Pessoa escreveu:

“O que Fernando Pessoa escreve pertence a duas categorias de obras a que poderemos chamar ortônimas e heterônimas. Não se poderá dizer que são autônimas e pseudônimas, porque deveras o não são. A obra pseudônima é do autor em sua pessoa, salvo no nome que assina; a heterônima é do autor fora de sua pessoa, é de uma individualidade completa fabricada por ele, como seriam os dizeres de qualquer personagem de qualquer drama seu. As obras heterônimas de Fernando Pessoa são feitas por, até agora, três nomes de gente — Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Alvaro de Campos. Estas individualidades devem ser consideradas como distintas do autor delas.”

Tem-se discutido — e tomado partido — se os heterônimos chegam a ser uma mistificação da personalidade do poeta

ou se constituem parte do seu *drama em gente*. Adolfo Casais Monteiro citando Flaubert, “Madame Bovary c’est moi”, justifica tratar-se de um artifício num poeta genial, vendo em Pessoa um romancista de poetas e afirmando “a obra de Pessoa é a própria encarnação da consciência infeliz do homem moderno”. A poesia do homem ao qual roubaram a consciência, do homem despojado da verdade. Alain Bousquet considera Fernando Pessoa o único caso de pirandelismo na história da cultura universal.

João Gaspar Simões, que estudou a geração de *Orpheu* e em particular a maior figura desse grupo, Fernando Pessoa (*), explica que os heterônimos, sendo uma mistificação, representam em Pessoa uma das mais sérias manifestações de sinceridade de que ele foi capaz em vida. Por não saber harmonizar a sinceridade que a poesia exige com a insinceridade que viver implica é que o poeta lançou mão, afinal, do expediente insincero dos heterônimos. Por outro lado, Antônio José Saraiva e Oscar Lopes viram dialeticamente o problema dos heterônimos. Assim, a sinceridade-fingimento corresponderia à consciência-inconsciência (**). É isso que procuraremos expor — o conflito permanente entre consciência-inconsciência, através da poesia que nos deixou, lucidamente criadora e na verdadeira medida da grandeza do homem. Ortônima ou heterônima, esta poesia tem como índice comum, assinala, ainda, Casais Monteiro, o maior passo dado neste século para a reabilitação da voz como raiz da poesia. Música e rigor eis a grande contribuição de Pessoa para o enriquecimento da técnica poética.

Disse o poeta espanhol Antônio Machado: “viver es devorar tiempo”. Essa foi u’a das características essenciais de Pessoa, como ser humano. Como poeta foi mais além, não

(*) Simões, João Gaspar — **Vida e Obra de Fernando Pessoa — História duma Geração**, 2 vols., Livraria Bertrand, Lisboa.

(**) Saraiva, Antônio José e Lopes, Oscar — **História da Literatura Portuguesa**, 5.^a ed., Porto Editora, Porto.

só vivendo intensamente mas perscrutando a essência das coisas e criando a verdade para o povo.

Aos cinco anos de idade Pessoa perde o pai, funcionário público e crítico de teatro. Descendia de israelitas, pelo lado paterno; de insulares, pelo lado materno. A mãe escrevia versos, falava o francês e o alemão. Único homem em casa, vale-se de sua autoridade infantil. Vive em casa de sua avó, alguns dos momentos da sua infância seriam lembrados mais tarde, em alguns dos seus poemas, como em *Chuva Oblíqua*:

*“Todo o teatro é o meu quintal, a minha infância
Está em todos os lugares, e a bola vem a tocar música,
Uma música triste e vaga que passeia no meu quintal.”*

É forçado a viajar, com o segundo casamento da mãe, para a África do Sul. Embarca para Durban, tinha sete anos e escreve os primeiros versos dedicados à mãe:

*“Ó terras de Portugal:
Ó terras onde eu nasci
Por muito que goste delas
Inda gosto mais de ti.”*

Em Durban vive dez anos e faz os estudos secundários, tendo como companheiros na adolescência os *Pickwick Papers*, de Dickens. Absorve-se na leitura de Shakespeare e Shelley.

Aprende facilmente o inglês, sua formação inicial é portanto inglesa, de raiz católica. Ingressa na High School na primeira classe. Cria os primeiros heterônimos, Alexander Search e Chevalier des Pas, ao publicar versos e artigos colegiais. Em 1901 vai a Portugal em gozo de férias. Inicia-se na poesia portuguesa com as primeiras leituras de Garrett, que exerceria indiscutível influência em sua obra inicial. Escreve uma de suas primeiras poesias em português, *Quando ela passa*. Ingressa na Escola Comercial de Durban. Cria

mais um heterônimo, A. A. Cross, mestre charadista. “Fingir é conhecer-se”, diria mais tarde através de seu heterônimo Álvaro de Campos. Essa tendência sinceridade-fingimento ou consciência-inconsciência o acompanharia na criação dos seus outros heterônimos aos quais daria uma dimensão própria a cada individualidade poética.

Em 1903 faz exame de admissão à Universidade de Cabo, conquistando aos 15 anos o prêmio *Queen Victoria Memorial Prize* para o melhor ensaio em inglês. Recebe-o em livros, escolhendo obras de Keats, Alfred Tennyson, Ben Johnson. Mentalmente, Pessoa era um apátrida, do português herdara a índole, o saudosismo, a emotividade e a improvisação; do inglês, a cultura dos livros, a disciplina do espírito e o sentimento prático da vida. Deixa Durban em 1905, onde recebera uma educação sintética. É um jovem ensimesmado e tímido, sentindo-se traído pela mãe (veja-se o poema *O Menino de sua Mãe*). Ingressa em 1906 no Curso Superior de Letras. Em 1907 cria outro heterônimo, Bernardo Soares, es crevendo o *Livro do Desassossego*, desabafo de sua solidão. Há falta de continuidade na realização de suas idéias, seria outro *doente da vontade* como Antero de Quental? É um dispersivo, não levando a cabo nenhum projeto entusiasticamente iniciado. Interessa-se pelos simbolistas Beaudelaire, Antero e Guerra Junqueiro. Pretende comprar uma tipografia e vai ao Alentejo. Escreve um poema em inglês, que anuncia o aparecimento de seu heterônimo Álvaro de Campos:

*“nothing with nothing around it
and a few trees in between
none of which very clearly clearly green,
where no river or flower pays a visit.
If there be a hell, I’ve found it,
for if it ain’t here, where the Devil is it?”*

Não consegue êxito com a tipografia, desiste da idéia empregando-se como correspondente estrangeiro de casas comerciais. Publica os *35 Sonnets* e *Antinous* em inglês, ma-

neirismo de linguagem que não reflete a sua concepção poética. Começa a escrever em português, denotando ainda a influência de Garrett nos primeiros poemas e nas *Odes* de Ricardo Reis, bem como dos ingleses Robert Browning, Byron e Pope. Em 1909, já saturado dos ingleses, absorve-se em Beaudelaire, Verlaine e Mallarmé. Mais tarde condenaria o caráter degenerativo do simbolismo, tornando-se o grande destruidor de mitos, como o chamaram Jorge de Sena e Adolfo Casais Monteiro. Lê Antônio Nobre, Gomes Leal, Cesário Verde e Camilo Pessanha. Escreve para a revista *Águia*, do Porto, artigos de crítica sob o título *A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada*. Em janeiro de 1912 funda-se o movimento da Renascença, liderado por Teixeira de Pascoais, Jaime Cortesão, Antônio Sérgio, Mário Beirão, Raul Proença, Antônio Correia de Oliveira, Leonardo Coimbra e Afonso Lopes Vieira. Logo Antônio Sérgio e Raul Proença se desligariam do grupo por se oporem ao saudosismo de Teixeira de Pascoais, que proclamara a “saudade religião da raça e filosofia da pátria”. Junta-se Pessoa aos renascentistas, embora reconhecesse a incoerência lenta e irracionalidade dos mesmos.

A estréia literária do poeta dá-se com a publicação de *Impressões do Crepúsculo*, inaugurando a fase do paúlismo. Abandonando o grupo renascentista, Pessoa forma o seu próprio grupo, constituído pelo pintor Almada Negreiros e pelo poeta Mário de Sá-Carneiro. Fala-se de Picasso, Max Jacob e Apollinaire. O paúlismo deriva do vago e do sutil. *Paúis* é uma metáfora que exprime o estado de ansiedade do poeta. Manifestação de materialidade do espírito e espiritualidade da matéria: essência do transcendentalismo panteísta. Idealização complexa, intelectualização de uma emoção, a vontade de emocionalizar a idéia, eis as características fundamentais da poesia de Pessoa, nessa fase. Aparece o drama estático *O Marinheiro* e uma de suas grandes poesias, *Hora Absurda*.

Em 1914 nasce Alberto Caeiro. Pessoa escreve de uma assentada os poemas de *O Guardador de Rebanhos*. Superan-

do o paúlismo, transita para o lirismo clássico, no qual atinge o equilíbrio, procurando dar um sentido português à sua poesia.

“Chamo insinceras as coisas feitas para fazer pasmar, e as coisas também — repare nisto, que é importante — que não contêm uma fundamental idéia metafísica, isto é, por onde não passa, ainda que como um vento, uma noção da gravidade e do mistério da vida... e por isso não são sérios os *paúis*, nem seria o Manifesto Interseccionista de que uma vez lhe li trechos desconexos. Em qualquer destas composições a minha atitude para com o público é a de um palhaço. Hoje, sinto-me afastado de achar graça a esse gênero de atitude.”

(Carta de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues).

No ano seguinte funda a revista *Orpheu*, que será dirigida por Luis de Montalvor e Ronald de Carvalho. Pretendia a revista ser o órgão do movimento modernista luso-brasileiro. O primeiro número aparece em março e nele Pessoa publica *O Marinheiro*, sob a influência de Maeterlinck, assinando-o com o heterônimo Álvaro de Campos. A revista provoca escândalo, como era de esperar, entre a burguesia pacata da capital. É a afirmação consciente de um grupo moço contra o decadentismo literário dos simbolistas. O segundo número de *Orpheu* passa a ser dirigido por Fernando Pessoa, que nele publica a *Ode Marítima* e *Chuva Oblíqua*. Dificuldades financeiras impedem a publicação do terceiro número. Sá-Carneiro suicida-se em Paris.

Em carta a Adolfo Casais Monteiro, Pessoa explica a origem dos seus heterônimos:

“ a origem dos meus heterônimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histórico, ou se sou, mais propriamente, um histó-

rico neurastênico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenômenos de abulia, que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registro dos seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterônimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. Estes fenômenos — felizmente para mim e para outros — mentalizaram-se em mim. Quero dizer, não se manifestaram na minha vida prática, exterior e de contacto com os outros. Se eu fosse mulher, na mulher os fenômenos histéricos rompem em ataques e coisas parecidas — cada poema de Álvaro de Campos (o mais histericamente histérico de mim) seria um alarme para a vizinhança. Mas, sou homem — e nos homens a histeria assume principalmente aspectos mentais, assim, tudo acaba em silêncio e poesia.”

Contrapondo à explicação do próprio poeta, que se deixara convencer, pelo psicologismo de Max Nordau e Freud, que não passava de um histérico-neurótico, vale anotar a explicação do notável psicólogo contemporâneo C. G. Yung, ao criticar a tese de Freud, que pretendia explicar a arte pela neurose:

“ quando a escola mantém a tese de que o artista é um Narciso, isto é, uma personalidade limitada auto-erótica — infantilmente, é possível que formule um juízo válido para o artista como pessoa, mas que é absolutamente inaceitável pelo que se refere ao artista como artista. Porque o artista como tal não é auto-erótico nem hetero-erótico, nem erótico seja em que sentido for, mas sim *objetivo, impessoal* no mais alto grau, e até inumano, pois que é, como artista que cria a sua obra, e não como homem. Todo o homem criador é uma dualidade ou uma síntese de qualidades pa-

radoxais. Por um lado, é um processo humano-pessoal; por outro, um processo impessoal, criador". (*)

Em cada heterônimo de Pessoa há um diferente conceito de vida. Manifestação do consciente, do insincero-verídico através de uma suprapersonalidade. Alberto Caeiro, o primeiro heterônimo da fase adulta, surge como rebeldia contra o decadentismo paúlico. Pessoa torna-se lírico subjetivo e fatalmente incompleto. A tendência de simular vinha desde a infância, observe-se a seqüência dos heterônimos Chevalier des Pas, Alexander Search, A. A. Cross, Bernardo Soares, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. Diz o poeta:

"esta tendência, que me vem desde que me lembro ser eu, tem me acompanhado sempre, mudando um pouco o tipo de música com que me encanta, mas não alterando nunca a sua maneira de encantar". (**)

Sendo um romancista de poetas, a simulação (*inconsciência*) em Fernando Pessoa é um sinal de força (*consciência*), porque afirma, no poeta, uma maior confiança na vida do que na literatura. Alberto Caeiro "nasce" em 1889 e "morre" em 1915. De escassa educação é natural de Ribatejo. Positivista e cético, estóico às vezes. Ingênuo e otimista. Seus poemas revestem-se de liberdade métrica, disciplina mental e sentido da realidade. É o mestre que elabora a doutrina e pratica a crítica, permitindo a emancipação de Pessoa do decadentismo a que estava acorrentado. A obra de Caeiro é dedicada a Cesário Verde, o único poeta do realismo português, precursor do modernismo, através de inovações e fixação de imagens poéticas, captadas do quotidiano. Como Cesário, Pessoa é naturalista integral e inconformista, sem nenhuma preocupação com a fé e a salvação. Álvaro de Campos é cos-

(*) Yung, C. G. — **Psicologia y Poesia**, Fundo de Cultura Económica, México.

(**) Pessoa, Fernando — **Páginas de Doutrina Estética**, Lisboa, pág. 261.

mopolita e engenheiro. Aproveita as liberdades oferecidas por mestre Alberto Caeiro. Surge com o poema *Chuva Oblíqua* e logo depois com as odes *Triunfal*, *Marítima* e a *Saudação a Walt Whitman*. Inaugura o sensacionismo, modalidade de futurismo caldeado em Walt Whitman, mistura de dinamismo e violência. Veja-se o poema *Opiário*. Faz apologia política do novo homem no Manifesto *Ultimatum*. Depois disso, Álvaro de Campos torna-se poeta do absurdo, do tédio e do cansaço. Ricardo Reis é o mais simulado dos heterônimos. É um poeta formal, horaciano, cuja depuração das imagens segue uma natural evolução estética. O próprio Pessoa justifica o seu aparecimento:

“ aí por 1912, salvo erro (que nunca pode ser grande), veio-me a idéia de escrever poemas de índole pagã. Esbocei umas coisas em verso regular (não no estilo de Álvaro de Campos, mas num estilo de meia regularidade) e abandonei o caso. Esboçara-se-me, contudo, numa penumbra mal urdida, um vago retrato de pessoa que estava a fazer aquilo. Tinha nascido. . . sem que eu o soubesse, o Ricardo Reis”. (*)

Fernando Pessoa — ele mesmo — exprime o desencanto e a possessão mítica da poesia. Escreve os poemas do *Cancioneiro*, de 1902 a 1934. Dedicase ao ocultismo escrevendo poemas, nos quais interpreta os astros, procura a simbologia teosófica. Publica o poema místico-filosófico *Mensagem*, único editado em vida, com exceção dos poemas em inglês e dos 35 *Sonnets*. Desencantado porque pensava demais e não podia ser feliz, a felicidade para ele era não pensar, como bem expressou em *A Ceifeira*. Nostálgico da infância, revela um estado de misticismo que lembra o Rousseau das *Rêveries d'un promeneur solitaire*.

(*) Pessoa, Fernando — *Páginas de Doutrina Estética*, pág. 263.

Em 1917 Alvaro de Campos escreve para a revista *Portugal Futurista* o manifesto político *Ultimatum*. Enveredando pela dialética, Pessoa prega a eliminação dos três preconceitos criados pelo cristianismo: personalidade, individualidade e objetivismo. Preconiza a abolição do dogma da individualidade artística. O maior artista seria o que menos se definisse e o que escrevesse em mais gêneros e com mais contradições. Queria assim o poeta atingir o homem síntese-soma, que seria “não o mais forte, mas o mais completo; não o mais duro, mas o mais complexo; não o mais livre, mas o mais harmonioso”.

Na seqüência dessas idéias, Pessoa publica o seu primeiro livro, reunindo poemas antigos e novos, com o título *Mensagem*, e concorrendo aos prêmios do Secretariado Nacional de Informação. Envia o seu trabalho em fins de 1934. É premiado, mas não em primeiro lugar, cabendo este a um livro de pequeno valor literário, *Romaria*. Achava-se que o nacionalismo de *Mensagem*, místico como era, era nacionalismo estéril. Cantando grandezas passadas, não dava ao português qualquer sentido construtivo de grandezas futuras. Com *símbolos* e *avisos* não se resgataria o atraso do país, assinava Gaspar Simões (*). Os entusiastas de *Mensagem* julgaram e cometeram o equívoco de supor Fernando Pessoa o poeta do estado-novo, pretendendo desvalorizar sua obra heterônima. O mesmo sucedeu com os ocultistas a quem somente a poesia de mistérios interessava.

Em 1912, Pessoa escrevera artigos sobre *A Nova Poesia Portuguesa*, nos quais demonstrara logicamente, com um raciocínio matemático, o nacionalismo patriótico de Teixeira de Pascoais, prenúncio de uma nova Renascença. Nestes artigos adota uma posição de nacionalismo e misticismo profético. Após a ditadura de Sidônio Pais, anuncia a *Mensagem*. Em 1920 escreve o poema *À Memória do Presidente Rei Sidônio Pais*. Em 1928/1934 escreverá a quase totalidade das com-

(*) Ob. cit.

posições que formarão a *Mensagem*. A estrutura de *Mensagem* encerra uma arquitetura cujo princípio é a heráldica. *Mensagem* surge-nos como uma construção cerebral. Logicamente não será a melhor poesia de Pessoa, mas a mais inspirada. A concepção de *A Mensagem* é idealista, com laivos de ocultismo. Há para Pessoa dois planos: o plano das aparências (esfera sensível) e o plano das essências (esfera inteligível) — que conduzem ao plano das idéias puras. O império desejado pelo poeta não será um império terreno, mas sim aquele da harmonia, da paz entre os homens. Brasília, a primeira parte do poema, tem uma estrutura complexa, abrange cinco seqüências e inspira-se no estudo do emblema da pátria. No início aparece o poema de *Ulisses*. Diz-nos Pessoa que o herói grego não precisava existir, bastava a força do mito, a lenda a fecundar a realidade. A única existência que vale a pena ser vivida é a fecundada pelo sonho. O que dá sentido à vida são as idéias puras que podem arrastar o homem a um plano superior. A vida que é vegetativa, a vida que é morte é a do homem entregue a uma vida efêmera: “cadáver adiado que procria”.

Há sinais de uma razão lúcida no poeta, que o leva a sentir o mito, a loucura como a loucura. Pode-se interpretar a *Mensagem* como uma das várias formas de fuga, evasão à dor de existir, ao tédio, ao desencanto, ao sentimento absurdo da vida: “pertencço a um gênero de portugueses que depois da descoberta da Índia ficaram sem trabalho”. O sonho do Quinto Império vem dar sentido à vida que o poeta considera absurda: “mera sucessão de momentos inúteis”. A unidade em Fernando Pessoa resulta da constância de certos motivos, certas circunstâncias em função das quais surgem várias respostas. Alberto Caeiro é um Pessoa virado pelo avesso. Fernando Pessoa ortônimo e Álvaro de Campos são homens insatisfeitos. A realidade aparente não pode ser a realidade perfeita. Há alguma coisa dentro das aparências. Alberto Caeiro é uma solução poética. É o homem satisfeito, que goza das aparências, das sensações múltiplas em que

uma natureza que é apenas superficial lhe dá. Ricardo Reis reage à dor de viver descortinando uma felicidade possível dentro dos limites impostos ao homem.

Fernando Pessoa morreu quase completamente ignorado do grande público, como não podia deixar de ser, pela natureza das suas criações. Sua obra tocou a três gerações, de *Águia a Orpheu* (1910-15), de *Portugal Futurista à Contemporânea* (1917-23), de *Atena à Presença* (1924-35). Apoiou a *Renascença* como — àquele tempo — a única tentativa séria para elevar a cultura portuguesa do logro da mediocridade com que se contentava. Em *Águia* publicara seu primeiro texto de teoria literária sobre a poesia. Em *Atena* procurou estabelecer a fundamentação teórica do que supunha ser, em si próprio, o renascimento de um mundo essencial e não cristão. Nos seus poucos números publica Caeiro, Reis e dele próprio. Torna-se nessa altura editor (Editora Olissipo), publicando dois livros, as *Canções*, de Antônio Botto, e *Sodoma Divinizada*, de Raul Leal, ambos postos fora do comércio pela censura. Revida escrevendo artigos, entre os quais a célebre defesa de Raul Leal, num manifesto dirigido aos estudantes. Em *Presença*, fundada em Coimbra por José Régio, torna a divulgar seus poemas, identificando-se com o grupo.

Nos últimos anos tenta o planejamento de sua obra poética, deseja reuni-la e publicá-la. Aparecem em *Presença* artigos de crítica de José Régio e Fidelino de Figueiredo. Entrega-se à solidão e ao álcool, sente-se desamparado. Seus poemas dessa fase expressam bem essa angústia. Hospitalizado em S. Luis dos Franceses, após uma síncope, no Bairro Alto, vem a falecer, sem assistência de parentes ou amigos, a 30 de novembro de 1935, aos 47 anos.

Como André Gide, Fernando Pessoa poderia ter dito: “Je me suis complètement désintéressé de mon âme et de mon salut”. A poesia de Pessoa é a poesia da inteligência, ou melhor, poesia de lirismo da inteligência. A marca do seu gênio está em toda a sua poesia ortonima ou heterônima. As contradições entre o clássico Ricardo Reis e o modernista Álvaro

de Campos, entre o cético e materialista Alberto Caeiro e o rustico-panteísta Fernando Pessoa, constituem a vida de sua poesia. A cada um de seus heterônimos coube uma maneira diferente de conceber e interpretar a vida. A diversidade entre eles é coerente com o seu pensamento estético: mais contraditório, maior poeta. Ou, como diz o mestre Jacinto do Prado Coelho:

“ É na diversidade de sua obra, na riqueza dialética de suas antinomias que descobrimos a grandeza do poeta, dividido entre o pressentimento de um além (que ele buscou por via racional: o ocultismo), o desalento duma inteligência inerme, incapaz de copular a vida e o torvelinho das forças irracionais. Fausto malgrado, a própria dispersão de sua obra é vivo testemunho duma época de crise, sem coesão construtiva”. (*)

(*) Coelho, Jacinto do Prado — **Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa**, 2.^a ed., Editorial Verbo. Lisboa, 1963.